



Samsung Hypercube UK Summer Tour (2017)

08.2017 . Lisboa  
Entrevista . Ana Carvalho  
Palavras-chave . VJing, fulldome, mapping

## PEDRO ZAZ

ENTREVISTAS . EPHEMERAL EXPANDED

Pedro Zaz é VJ, músico e entusiasta das projeções em domes. Nas suas palavras, não é nem produtor, embora faça produção, nem realizador embora por vezes seja o que ele faz. Encontramo-nos em Lisboa, entre duas viagens, vindo da tournée com a instalação Hypercube que percorreu os festivais de verão do Reino Unido e de partida para Moscovo onde foi júri de um concurso de VJing inserido no Festival Internacional da luz. Falamos sobre o seu percurso desde os primeiros experimentos em Lisboa até ao fulldome e o trabalho mais recente a solo e como parte do coletivo United VJs.

Ana Carvalho - Como começou e qual foi a tua motivação para iniciar a carreira de VJ?

Pedro Zaz – Tudo começou no final dos anos 90 com um amigo, o VJ eyeskill / VJ eyepersonic<sup>1</sup> que tinha um software em C para fazer video scratch em tempo real e aumentar e diminuir um cubo em 3D através de um controlador MIDI. Na altura, com 19 anos, pensei que toda a gente fazia VJing criando o seu próprio software, só depois descobri que ele era provavelmente um dos únicos a fazer isso numa altura em que a grande maioria dos equipamentos para VJing eram analógicos. Foi bastante inspirador. Entrei na indústria da música primeiro e, progressivamente, na indústria dos visuais. Enfim, foi quase uma engenharia social.

AC – Como é que o encontro com o VJ eyeskill / VJ eyepersonic te levou às primeiras experiências?

PZ – Na altura (1997), o software *VJamm* do Matt Black - Cold Cut<sup>2</sup>, que provavelmente já ninguém usa, foi a porta de entrada para muita gente, mas para o usar precisávamos de ter um computador, isso na altura era difícil. Surgiram então as webcams, que foram uma revolução no mundo dos VJs porque possibilitaram a construção de animações digitais em stop-motion: mexias um objeto, tiravas uma foto e animando a sequência conseguias fazer um loop para VJing. Ficávamos a noite toda a fazer dois loops que se usavam logo a seguir nas festas. Foi a progressão normal acompanhando a tecnologia. A influência do VJ eyepersonic notou-se na criação do conceito. Não era a tecnologia o mais importante nem o software mas a ideia e a ideia era a coisa. As nossas discussões e brainstorms fizeram a diferença. Ajudou-me bastante no início a pensar nas ideias que as imagens vão mostrar.

AC – Onde é que começaste a fazer as tuas primeiras apresentações como VJ?

PZ – Aqui em Lisboa, acompanhei por dentro o coletivo chamado Dastimulators Digital to Analogue Stimulators<sup>3</sup> do qual o VJ eyepersonic era o fundador. Para além do software por ele criado<sup>4</sup>, o grupo conseguia exprimir o drum'n'bass da época através de clips retirados do cinema mudo: o Charlie Chaplin a correr encaixava perfeitamente no ritmo do drum'n'bass e as pessoas ficavam coladas nas imagens.

---

<sup>1</sup> Portefólio do VJ eyepersonic: <http://www.eyepersonic.com>

<sup>2</sup> VJamm software: <http://www.vjamm.com>

<sup>3</sup> Podem ser encontrados alguns vídeos na Internet, por exemplo, Recording of a performance by dastimulators Digital to Analogue Stimulators: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=10&v=izWnVEDt2XM](https://www.youtube.com/watch?time_continue=10&v=izWnVEDt2XM)

<sup>4</sup> Video by dastimulators 2002 09 19 'Rob a tech' Pitch Boys: <https://www.youtube.com/watch?v=CHrS0OIGbqs&feature=youtu.be>

No final dos anos 1990, fui para Manchester, onde comecei a minha carreira profissional. O AVIT<sup>5</sup> um dos primeiros festivais de VJing internacionais, foi um evento que marcou muita gente. Eram cerca de 50 VJs, cada um tinha o seu projetor e o seu rig, uma espécie de nave espacial com muitos controladores — uma coisa surreal —, e todos faziam VJing ao mesmo tempo. Eram 50 projeções simultâneas. Fui ao AVIT com o VJ visual\_basiq (Rux- Rui Pereira)<sup>6</sup>, outro VJ super talentoso que me inspirou muito. Foi onde conheci o VJ Palumbo (que nos deixou recentemente)<sup>7</sup> que apresentou a fervilhante cena do VJing Brasileiro e a sua atitude através de narrativas políticas. A apresentação do VJ Palumbo no AVIT despertou a minha curiosidade e a razão porque estou agora no Brasil é, de certeza, por causa do VJ Palumbo.

AC – O que surgiu primeiro o som ou a imagem?

PZ – O som. Com o tambor. Na comunicação entre tribos. O som é mais lento mas pode chegar mais longe e é mais fácil de produzir em termos de grandeza.

AC – Com o teu trabalho também?

PZ – Sim. Qualquer visual que eu faça primeiro tenho que ter o som.

AC – O que é particular ao teu trabalho, seja individual e coletivo?

PZ – Faço parte do coletivo United VJs<sup>8</sup>. Cada um de nós tem uma carreira individual e trabalharmos em conjunto é sempre uma celebração. A carreira individual permitiu-me evoluir e isso é importante para o grupo. De momento interesse-me por som em 360º o que é um contributo importante para o desenvolvimento das instalações de videoarte dos United VJs. A minha paixão pessoal é o mundo do fulldome e planetários digitais e isso remonta às visitas ao Pavilhão da Realidade Virtual da Expo '98<sup>9</sup>, que albergava uma série de experiências do domínio da realidade virtual, utilizando a tecnologia mais sofisticada da época, e que tinha também uma cúpula digital que foi um dos primeiros fulldomes do mundo. Eu tive a sorte de ter ido lá algumas vezes e isso marcou a minha procura pelas projeções em cúpulas até hoje. Dez anos mais tarde, em 2009, quando estava a fazer pesquisa e desenvolvimento para a GaiaNova em Londres, conheci a pessoa que construiu a cúpula do Pavilhão da Realidade (Richard Zobel) que, numa troca de emails, me

---

<sup>5</sup> Resolume software: <http://resolume.com/forum/viewtopic.php?t=173>),

<sup>6</sup> Portfolio do Rux /-Rui Pereira: <http://www.rux-werx-here.net>

<sup>7</sup> “Parece que foi ontem (o primeiro VJ brasileiro)” apresenta algumas das figuras centrais do Vjing no Brasil colocando em destaque o importante contributo do VJ Palumbo:

<https://vjsbrasil.wordpress.com/2009/11/17/parece-que-foi-ontem-o-primeiro-vj-brasileiro/>

<sup>8</sup> <http://unitedvjs.com.br/wp/the-team>

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=A941cYX0y2w&feature=youtu.be>

informou sobre as diversas questões relacionadas com esta indústria. Foi quando percebi que não havia sistemas em tempo real para domes e por isso eu não podia fazer VJing em domes, o que foi uma notícia triste.

A arte experimental em domes não é uma coisa recente, os Vortex Concerts e o Movie-Drome são uma forte inspiração porque me consigo relacionar de forma próxima com as circunstâncias. Stan VanDerBeek, pioneiro da arte digital e muito interessado em domes, experimentou com tudo o que era possível na concretização do Movie-Drome<sup>10</sup>. Henry Jakobs e Jordan Belson atraíram um grupo peculiar aos Vortex Concerts que a gestão do Planetário não apreciou e aqui também encontro empatia com a situação<sup>11</sup>. É ainda uma “missão impossível” trabalhar em qualquer planetário do mundo porque estes têm um propósito científico, mas nem sempre foi assim. A minha geração é a que põe o pixel na superfície do dome porque estas estruturas existem há centenas de anos e não desaparecerão tão cedo.

AC – O conceito articula o som com a imagem?

PZ - Há a coisa básica do ritmo, sincronizado ou não. Os vídeos da MTV utilizam a linguagem de cinema e não a do beat. A videoarte saiu da TV para ir encontrar outra arte que é a música e nesse encontro transformou-se. O beat é uma linguagem mais próxima do VJing. É essencial para os VJs transmitir à audiência que a imagem tem ritmo. Nesta ligação surge a narrativa. A todas as festas aplica-se a mesma estrutura: ter uma ideia, desenvolver um conceito, aplicá-lo, fazer a performance e sentir-se ótimo porque as pessoas gostaram.

AC –Um exemplo.

PZ – Fizemos (United VJs) um videomapping no Palácio dos Leões em São Luís do Maranhão<sup>12</sup>. A partir do briefing, fazemos investigação e, neste trabalho, fizemos investigação social procurando pistas e inspiração. O primeiro esboço resultante é a faixa sonora da peça. Desta forma todos os artistas do vídeo estão dentro do beat, quando o artista compõe, as imagens estão no ritmo do espetáculo. O Maranhão no Brasil tem uma cena de Reggae das maiores do mundo, é impressionante o tamanho dos sistemas de som (sound system) que eles chamam de “aparelhagem”. Aqui encontramos o mote da banda sonora e muita riqueza visual.

---

<sup>10</sup> Jurgen, Claus (2003). Stan VanDerBeek: An Early Space Art Pioneer. In Leonardo. 36 (3), p. 229.

<sup>11</sup> Albright, Thomas (1985). Art e the San Francisco Bay Area, 1945 – 1980. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

<sup>12</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ooBbQfqiMu0>

Eu tenho um projeto chamado Zaztraz. Uma coisa 100% ao vivo. Neste projeto eu toco o áudio, o vídeo e faço a performance criada com a ajuda do performer João Negro. Este é o projeto mais individual, o que não controlo. Aliás, é o Zaztraz que me controla a mim. Espero apresentar este projeto mais vezes, o som 360º é uma ajuda nesse sentido porque sinto que o estéreo é limitado bem como a moldura da tela retangular que acho cada vez mais pequena e restritiva.

AC – Como é que a tecnologia transforma a forma como o artista se apresenta ao vivo?

PZ – Temos ainda uma geração que nasceu analógica, que está agora a trabalhar, e que ainda se lembra da ligação à internet através do modem. Ou seja, a mudança ainda não é radical porque todos sabemos o que é um ipad e o que é um joystick. Ainda não houve uma revolução no “palco italiano”. Em breve haverá, quando a próxima geração de artistas não se lembrar ou já não souber o que é um joystick ou um arcade, talvez quando não se souber já o que é uma moeda. A maior diferença que eu noto dos anos 1990 para agora é o peso do equipamento. Antigamente viajava-se de avião com equipamento que pesava 50Kgs. Uma coisa absurda. Hoje, para muito melhor qualidade, viaja-se com um laptop e um controlador MIDI. O que leva a que o VJ fique escondido detrás do computador quando poderia estar ao lado do DJ a trabalhar em interação. É importante o público saber que há uma pessoa a fazer o vídeo com muito ritmo e atitude.

AC - Como vêes no futuro a tecnologia a transformar a performance audiovisual?

PZ - Futuro 2030 ou 2100?

AC – 2030.

PZ – Implantáveis (implantables). Hoje vivemos na era dos wearables: roupas com tecnologia, carregadores USB no casaco, na mochila, painéis solares no chapéu. Há esta tendência para os wearables e que é crescente hoje. Depois disso vêm os implantáveis. É inevitável. Teremos lentes de contacto para operar o interface digital. Se a sociedade tem lentes de contato, o VJ vai ter VÁRIAS lentes de contato. Portanto, vamos fazer VJing a piscar os olhos e com a mente. A performance “digital” (com os dedos :) tem os dias contados. Por exemplo, esta semana saiu um interface do Ableton Live (software áudio) para o Vive. Podemos agora compor música num ambiente de realidade virtual. O Final Cut não vai demorar muito a seguir o mesmo caminho.

AC – O trabalho no audiovisual implica pesquisa constante, seja tecnológica como conceptual. Quem desenvolve o hardware e software que usas?

PZ – Para além de mim e do VJ Spetto, o United VJs conta também com o génio programador RogerS (Rogerio Sodré). Os 3 juntos desenvolvemos um software de mapping para domes e cúpulas geodésicas: o Blendy Dome VJ<sup>13</sup>. Quando foi lançado, pensamos que o software iria vender umas dezenas de cópias mas na verdade está hoje à venda em cerca de 50 países. A ideia era resolver o problema que qualquer VJ tem com o elevado preço do equipamentos desenvolvidos para a indústria cinematográfica. Seguindo uma filosofia intrínseca ao software para VJing de não pedir muito dinheiro porque os VJs não têm dinheiro, nós desenvolvemos um software para a indústria milionária dos planetários. A única hipótese que um VJ tinha de desenvolver trabalho para um planetário era escrever muitas linhas de código, visto que o software era muito caro. O Blendy Dome VJ (fizemos questão de pôr “VJ” no nome) é um software para VJs, com o preço para VJ e quem não é VJ paga o dobro. Por isso, o grande objetivo deste software é morder o mercado porque este não é justo. E por isso os VJs estão hoje nos domes. Obviamente, não é por nossa causa, mas sim pelo talento dos VJs, mas nós fizemos uma porta de entrada acessível.

AC – Um exemplo de um trabalho que utiliza o Blendy Dome VJ.

PZ – Inaugurou no dia 1 de Agosto (2017), uma instalação para uma empresa, em São Paulo, constituída por um conjunto de três domes interligados: um pequeno de quatro metros e dois de nove metros. À entrada, as pessoas encontravam um videomapping de introdução, depois entravam numa cúpula com uma projeção em tela de pressão negativa com seis projetores alimentados pelo Blendy Dome VJ. O filme projetado tinha cerca de 4 minutos e era sobre a alimentação ao longo da história. No terceiro, também fulldome, fiz questão de que as pessoas berrassem. Construimos uma viagem de rollercoaster e era mesmo isso acontecia, as pessoas berravam. Do lado de fora, ouviam-se as pessoas a berrar e, obviamente, quem estava de fora queria entrar. Tão importante quanto os conteúdos, a tecnologia, o software, é a experiência das pessoas. O tema, tal como proposto pelo cliente, era pesado e por isso incluímos algum entretenimento do género feira popular (fun fair) e resultou.

Para que se entenda um pouco da logística deste projeto. A certa altura, eu entrei em Tour com o (Samsung) Hypercube nos festivais ingleses e o Spetto viajou para o Turquemenistão para fazer a inauguração dos Jogos da Ásia Central. O Roger fez a direção da montagem em dois dias com um assistente operador, que ficou depois lá os doze dias em que esteve montada a instalação mais dois

---

<sup>13</sup> <http://www.blendydomevj.com>

técnicos de montagem. Mandamos uma equipa de quatro elementos: o mestre que sabe fazer o mapping das cúpulas, o VJ operador para entender como tudo funciona porque vai lá ficar as duas semanas e os técnicos de cenografia para pôr todos os pormenores no sítio. Depois, um grupo de WhatsApp que envia a reação das pessoas para as redes sociais. Hoje em dia é possível fazer uma produção sem se estar no local. É isso o United VJs, não entregamos uma cara ou perfil de um artista, somos indivíduos autónomos, entregamos um produto de qualidade.

AC – O que significa estar no palco? O que é cada nova experiência?

PZ – É a razão de viver. É a escapatória da vida corporativa que é bom pelo que nos dá mas por si não chega. Às vezes alguém me diz que viu uma das minhas performances e por vezes lembra-se dela melhor do que eu. Isso é maravilhoso.

Se quero falar de alguém ou de uma situação em particular, se quero usar certas imagens ou experimentar com sons mais agudos ou mais brutos, tenho sempre o Zaztraz como escape. Tenho outro grupo musical, o 3LIVE!, com o Spetto e o Phantazma. Somos os três a fazer o som e o vídeo ao vivo. Eles têm as suas máquinas e eu tenho o meu sistema Zaztraz e cada um toca uma música à vez seguida assim como os vídeos. Três estilos diferentes. Isso permite-nos ser bastante experimentais, vamos do lixo ao luxo e do luxo ao lixo em segundos.

AC – Retrospectivamente, como defines o que fazes?

PZ – Eu sou artista, VJ e músico. Não sou produtor mas faço produção. Faço direção artística mas não sou diretor e porque todos os artistas devem de ter uma direção mais ou menos clara, eu vejo-me assim, artista, VJ e músico.

AC - Os circuitos de apresentação mudaram ou têm vindo a mudar?

PZ – Radicalmente. Muitas cidades do interior de todos os países são hoje uma micro-Barcelona. Há um efeito Sonar ao longo das décadas. Mesmo Barcelona já tem outros Sónares. Berlim já teve Sónares e este já voltou a Barcelona. Esse polo Berlim-Barcelona já foi para Paris, já se espalhou pela Suíça, Liège e Estrasburgo. E do meio da Europa (França e Alemanha) foi para o Québec no Canadá que tem agora uma cena brutal. Paralelamente a América do Sul criou também várias gerações de festivais de New Media. Claro que o Japão é o Japão, a África do Sul e Moçambique também têm coisas a acontecer. Onde está de momento a surgir um novo mundo é no Sudoeste da Ásia onde cresce um mercado internacional. Estamos na era do mundial e não na era dos nacionais. Qualquer talento pode ser exportado para qualquer lugar. Hoje há festivais com temas específicos por todo o mundo. Nomeadamente, em Lisboa, no próximo fim de semana, vamos ter o Fuso, um

festival de vídeo arte tradicional, mas não tem nenhum VJ. Sinto que em Braga está a cozinhar-se qualquer coisa a nível internacional.

AC – Trabalhas muito com pessoas do Brasil, que outras ligações podem ser estabelecidas entre estes dois países?

PZ – Foi no ano longínquo de 2004, quando vivia em Manchester e fazia festas de Breakcore, workshops de Arduino e software livre, como parte do ShowSkills que conheci um grupo do Brasil chamado TEMP que fazia também festas Breakcore em São Paulo. Fiquei fã e convidei-os para virem à Europa. O Edu Saretta, o Gonzales e o Tozzini decidiram mandar o VJ Spetto pelo poder da imagem e do software VRStudio criado pelo próprio. Ele encaixou que nem uma luva na comunidade que tínhamos criado em Manchester passados 6 anos de lá viver. Há uma semana encontrei, num evento em Londres, uma pessoa que costumava ir a estas festas e chegamos à conclusão de que estes eventos ainda têm reverberações hoje em dia. Passados 13 anos, fizemos imensas coisas a partir de um evento humildemente patrocinado pelo Arts Council e a PRS Foundation que distribui os “performance rights” dos shows do Reino Unido. Para esse mesmo evento trouxe também cerca de 10 VJs e artistas de Portugal. Depois, trouxe o ShowSkills para Lisboa para a ZDB e para o Hard Club no Porto. No ShowSkills o VJ tinha a mesma importância que o DJ no flyer e em tudo mais.

Em 2007 eu e o VJ Spetto fundamos os United VJs com um show memorável no Royal Festival Hall em Londres e com este show provamos o conceito de que a mesma atitude de festa e profissionalismo pode ser aplicado a eventos muito grandes da mesma forma que se aplica aos pequenos. É só uma questão de escala.

AC - E a ligação de Portugal com outros países?

PZ – Em Portugal trabalhei profissionalmente duas vezes: uma vez com os The Gift, na apresentação do álbum Explode em 12 shows com video mapping, e no início de Abril 2017, no Periférico um show de dança urbana dirigido pelo VHLS. Ele saiu da sua zona de conforto para dirigir um espetáculo de dança com uma forte componente de vídeo e música do DJ RIDE. Adorei particularmente este show porque me identifiquei 100% como a mensagem, o que aconteceu poucas vezes na minha carreira de VJ.

Embora não saiba muito ou quase nada sobre como é que se fazem as carreiras em Portugal, conheço bem o circuito internacional de festivais de New Media. Tal como eu, muitos artistas levam



o nome de Portugal ao mundo porque os produtores escrevem Portugal à frente dos nossos nomes como atração internacional.

Existem zero apoios para a internacionalização de artistas Portugueses para qualquer arte que não seja o fado, todos sabem que esta é uma realidade. Qualquer artista que viaja no circuito internacional de festivais sabe que o instituto francês, o instituto Cervantes, o Goethe Institut, todos promovem a arte e os artistas dos seus países. Mandamos fadistas, que o que fazem é fado, que é legítimo, mas a nossa cultura hoje é muito mais do que isso. A Ana Miranda, em Nova Iorque, fez muito por Portugal com pouco ou nenhum apoio de instituições. Nos Estados Unidos, e não só, somos muito conhecidos através dela e do Arte Institute<sup>14</sup>. Estamos a falar de videoarte, filmes, documentários, que mostram um Portugal diferente do Fado. Nesse sentido fui representar as artes portuguesas, na parte da videoarte a Washington, junto com o Vhils, o Nuno Vasa, a Manuela Pimentel os Storytailors, enfim, um grupo de artistas fantástico, uma geração incrível que faz arte como qualquer outra geração. Portanto, a arte Portuguesa é feita no mundo por artistas que a título individual a representam ou através das pessoas que entregam parte da sua vida à divulgação da arte.

AC – Documentas o teu trabalho?

PZ – Sou a pior pessoa para responder a essa pergunta.

Para os eventos dos United VJs, todas as fotos são feitas pelas pessoas da audiência. Antes das hashtags, eu dava uns flyers aos cameramens e às pessoas da audiência com os créditos e o nome dos artistas porque as pessoas tiram as fotos e querem pôr o nome dos artistas. Em todos os shows dos United VJs, podem ouvir o Peter, que é a voz off oficial, dizer o seguinte: “Welcome to the United VJs video mapping show, if you have a camera, please turn it on now and take photos”, ou seja, nós incentivamos as pessoas a tirar fotos desde o início e assim se cria a empatia.

Na auto documentação não sou bom. Escondo-me por detrás da audiência, espero que tirem fotos vou atrás das fotos e faço a reunião da informação. Como fazemos arte pública é mais importante a documentação do público do que a nossa.

AC - Em relação à composição, há uma estrutura para cada evento?

PZ – Pessoalmente costumo começar pelo “coolgraph” que é um gráfico de dinâmica. Ou seja, não estou preocupado com efeitos visuais, notas musicais ou com a composição, interessa-me a dinâmica. Preocupa-me o tempo e a intensidade, desenho à mão linhas de cor num gráfico de

---

<sup>14</sup> <http://arteinstitute.org>

intensidade vs tempo, marcando quando esta fica mais forte ou mais fraca. Com o som, os efeitos da imagem e com a voz é a mesma coisa. Faço tudo nessa estrutura como se fosse uma canção. Claro que antes de aqui chegar já tenho toda a investigação, já tenho todos os elementos para compor o “coolgraph”.

AC - Para terminar...

PZ - Para terminar, é interessante referir que os United VJs são um grupo de amigos, todos com uma grande carreira individual e muito responsáveis. Este é o nível mais difícil de atingir: trabalhar com amigos que se respeitam e sabem que podem contar uns com outros.. O meu grande parceiro de aventuras à mais de 10 anos é o VJ Spetto e para além dele o Roger Sodré, VJ Erms, Robson Victor, Optika VJ, Vicsek Viktor, Helmut Breineder, VJ Sorted, VJ Dave, fazem parte de uma família que continua a crescer.